

PANORAMA EVOLUTIVO: ESTILÍSTICA E ESTILO

Aline Emílio*

Resumo: O objetivo do presente trabalho é possibilitar uma visão panorâmica e evolutiva sobre Retórica e Estilística. Faremos o percurso passando por Aristóteles, pelas mudanças de idéias do séc. XVIII, até chegarmos ao séc. XX. A seguir, o enfoque será dirigido para as características que permitem diferenciar Estilística Literária e Geral. E, finalmente, mostraremos o Estilo e a Estilística no séc. XX. Com esta exposição, esperamos poder contribuir para um melhor entendimento da atividade de linguagem em perspectiva estilística.

Palavras - chave: Estilística, estilística literária, geral, estilo

* Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutora em Linguística. E-mail: alinemilio@uol.com.br.

1 RETÓRICA E ESTILÍSTICA

Antes mesmo de *A Retórica* de Aristóteles (330 a.C.), que, em termos modernos, trata do conteúdo da comunicação e da expressão discursiva, Brandt (1998) nos dá notícia de que Gorgias de Leontini (483-375 a.C) utilizava uma abordagem estilística para a disciplina de retórica.

Tecnicamente falando, a abordagem de Gorgias constava de ornamentação, ênfase às palavras poéticas, detalhes artificiais, figuras não usuais, simetrias, antíteses e períodos elaborados com sentenças quase métricas, com o objetivo de criar uma nova prosa persuasiva, utilizada em discursos para elogiar ou louvar. Gorgias sustentava que a verdade não tinha importância; o importante era convencer a platéia. Essa atitude passa a ser condenada, reivindicando-se para a retórica um papel mais nobre que o da simples persuasão.

Visto o discurso como fundamento da sociedade, o meio pelo qual o homem expressa sua sabedoria, a educação para o bom uso da palavra passa a ser defendida como benéfica e desejável. Esse ideal foi defendido por Cícero, bem como por Quintiliano e continuado na Idade Média e no Classicismo, desempenhando importante função educativa. Alguns dos diálogos de Platão censuram a retórica pela possibilidade do uso de técnicas persuasivas para fins desonestos e apresentam uma redefinição da retórica, defendendo o princípio da sabedoria e da verdade sobre a habilidade verbal.

É, porém, Aristóteles quem escreve um verdadeiro tratado – *A Retórica* (possivelmente em 339-338 a.C.) – obra extensa, fértil em ensinamentos, discutindo, analisando, ordenando todos os aspectos da arte do discurso, de maneira prática e profunda.

Os dois livros de Aristóteles, *A Retórica* e *A Poética*, formam os dois pilares em que se fundou a crítica tradicional do Ocidente, até chegar a Charles Bally (SANT'ANNA MARTINS, 1989).

Aristóteles dá particular relevo às provas da causa em questão e procura mostrar que a Retórica, não menos que a Lógica, tem seu rigor intelectual. A Retórica é, primariamente, uma técnica de argumentação, mais que de ornamentação. Ao tratar do estilo, afirma ser a clareza, que se alcança pelo emprego de termos próprios, sua principal virtude. O locutor deve adequar o estilo às diferentes situações que vivencia.

Na *Poética*, que é posterior à *Retórica*, Aristóteles trata da conceituação de poesia como imitação da realidade (mimese), dos gêneros poéticos (tragédia e epopéia, sobretudo) e da elocução poética, mencionando aspectos comuns à oratória como a clareza, referindo-se, ainda, aos desvios da linguagem comum que tornam a linguagem da poesia mais elaborada e enfatizando, especialmente, o valor da metáfora.

Aristóteles ordena, divide, subdivide os múltiplos elementos da arte oratória e da poética, mas não se detém numa classificação pormenorizada das figuras de linguagem. Os retóricos posteriores multiplicaram as observações sobre os fenômenos da expressão, elevando o número de denominações. O estudo da elocução chega a sobrepor-se ao das demais partes da *Retórica* (invenção, disposição, ação e memória), ficando ela confinada às figuras do discurso, quando não aos tropos.

Nos grandes retóricos do Classicismo, a *Retórica* se confundia com a *Poética*, oferecendo orientação para a elaboração literária em geral e estabelecendo critérios para o julgamento das obras.

Com a profunda mudança de idéias a partir do séc. XVIII (Romantismo), com a valorização do individual e repúdio às normas estabelecidas e à imitação como princípio artístico, a retórica cai em desprestígio. No entanto, não obstante os repetidos ataques à nomenclatura retórica, termos como metáfora, metonímia, hipérbole, onomatopéia, e outros, continuaram a ser usados.

A partir de então, a estilística evoluiu significativamente. É no séc. XX que ela passa a designar a nova disciplina ligada à lingüística. Seu objetivo não é mais ministrar conselhos para quem escreve, mas ainda não está totalmente desligada de estudos sobre a expressão lingüística que se ocupava da linguagem para fins persuasivos e artísticos.

Nos anos 60, aconteceu uma revalorização da retórica, uma nova avaliação da sua contribuição ao estudo dos fatos da linguagem. Guiraud (1970, p. 36), depois de apresentar as linhas principais que nortearam a retórica nos seus vinte e tantos séculos de desenvolvimento, faz um balanço de sua herança:

A Retórica é a Estilística dos antigos; é uma ciência do **estilo**, tal como então se podia conceber uma ciência. A análise que nos legou do conteúdo da expressão corresponde ao esquema da **lingüística moderna**: língua,

pensamento, locutor. As figuras de dicção, de construção e de palavras definem a forma lingüística em seu tríplice aspecto fonético, sintático e léxico; as figuras de pensamento, forma do pensamento; os gêneros, a situação e as intenções do sujeito falante. (...) de todas as disciplinas antigas, é a que melhor merece o nome de ciência, pois a amplidão das observações, a sutileza da análise, a precisão das definições, o rigor das classificações constituem um estudo sistemático dos recursos da linguagem, cujo equivalente não se encontra em qualquer dos outros conhecimentos daquela época.

A avaliação favorável de Guiraud subentende a importância da contribuição estilística e nos encaminha para o trabalho de Semino e Culpeper (1995), o qual será tomado como base para o relato sobre a existência de duas estilísticas: literária e geral.

2 ESTILÍSTICA LITERÁRIA E GERAL

O nascimento da **estilística literária** contemporânea se dá por volta de 1958, quando aconteceu a Conferência de Estilo de Indiana, na qual Roman Jakobson conclui sua exposição com uma intervenção que se tornou um manifesto: "... uma lingüística que não dá atenção para a função poética da linguagem e uma escola literária indiferente aos problemas lingüísticos e que não se envolve com métodos lingüísticos são igualmente flagrantes anacronismos" (SEMINO E CULPEPER, *op.cit.*, p.514)

O pensamento de Jakobson justifica a hipótese principal da estilística literária de que as teorias e métodos desenvolvidos na lingüística podem ser aplicados ao estudo da literatura. Os estudiosos dão maior atenção às teorias que podem explicar como os efeitos são alcançados, como são construídas as interpretações e providenciem melhores explicações sobre os significados nos trabalhos literários.

Embora esses objetivos tenham sido abandonados em favor da objetividade e neutralidade da descrição lingüística, estudiosos atribuem a força de sua abordagem à clareza, sistematicidade e verificação de seus procedimentos analíticos. Desse modo, a análise estilística é apresentada como um complemento necessário para aquilo que muitos estudiosos consideram como natureza

impressionista e implícita em muitos trabalhos de crítica literária. O escopo da estilística literária varia de análises da linguagem de textos individuais, autores e gêneros até o estudo de fenômenos textuais, tais como metáfora, apresentação do discurso e ponto de vista. Há preocupação, também, com o relacionamento entre linguagem literária e não-literária e o papel da análise lingüística no ensino de linguagem e literatura.

O crescimento da estilística, desde os anos 60, pode ser caracterizado como um amplo movimento de abordagens formalistas para uma conscientização do relacionamento entre a linguagem dos textos e a pragmática, dimensões social e ideológica da produção e recepção literária. Esse desenvolvimento foi estimulado pelos avanços teóricos e metodológicos na lingüística e pelo impacto da gramática gerativa, pragmática, análise do discurso, sociolingüística, gramática funcional sistêmica e lingüística crítica.

A abordagem formalista inicial pode ser atribuída, parcialmente, à herança do formalismo russo e de Praga. Teóricos formalistas reconhecem a literatura como funcional e formalmente distinta da linguagem não-literária. A linguagem literária desvia-se, sistematicamente, da norma padrão com o objetivo de colocar em primeiro plano as propriedades lingüísticas do texto e de desfamiliarizar as percepções automatizadas do leitor. As imperfeições da abordagem puramente formal para a análise estilística são exemplificadas pelo trabalho de Jakobson e Lévi-Strauss sobre o poema *Les Chats*. (apud SEMINO E CULPEPER, *op. cit.*, p. 514)

Segundo os autores, talvez a contribuição lingüística mais influente para a estilística literária a partir dos anos 70 seja o modelo funcional de linguagem de Halliday, mostrando como a função ideacional e, particularmente, o sistema de transitividade são destacados no romance e são usados para contrastar a visão de mundo dos protagonistas.

O atrativo nesse modelo reside na habilidade de mostrar uma visão multi-nível e multi-funcional de estilo, na qual cada escolha lingüística pode ser explicada com referência ao sistema como um todo, e as características formais podem ser mostradas nas funções e usos de linguagem. Enquanto esse modelo capacita os estudiosos do estilo para uma visão funcional da linguagem literária, a pragmática direciona a atenção para a configuração contextual.

Desenvolvimentos em pragmática forneceram orientações para análise do significado no diálogo ficcional. A análise do discurso, igualmente, foi um

instrumento importante, providenciando uma estrutura para o estudo da organização total de textos e, particularmente, de diálogo entre personagens. Outros estudos aplicaram modelos específicos de discurso e análise conversacional para descrever e interpretar a estrutura lingüística do diálogo dramático. A teoria de polidez foi útil para captar a dimensão social de caráter interacional.

Análises baseadas no trabalho de Bakhtin (1979) são consideradas, pelos estudiosos voltados a uma análise mais geral da dimensão dialógica de textos literários, como a interação de múltiplas vozes na mistura de diferentes registros.

Para o uso de diferentes variedades lingüísticas, em literatura, são considerados métodos e conceitos sociolingüísticos e suas aplicações pedagógicas. Esse tipo de atenção para o modo como os textos operam com forças ideológicas e sociais foi enfatizado por muitos estudiosos do estilo, interessados na área de crítica lingüística.

O trabalho em estilística esboça-se, ainda, sobre desenvolvimentos em teorias psicológicas de cognição e entendimento. A Teoria da Relevância de Sperber e Wilson, por exemplo, caracteriza a linguagem literária em termos de produção. A teoria da metáfora cognitiva de Lakoff Johnson foi, também, adotada pelos estilistas.

O recente interesse por esse assunto, voltado para as atividades interpretativas, deve-se ao crescimento de investigações empíricas do processamento de textos literários. Outros estudos focalizam estratégias interpretativas e convenções utilizadas por diferentes leitores no processamento do mesmo texto.

A aplicação de métodos estatísticos e computacionais no estudo de textos, gêneros e autores foi, também, de interesse. A técnica Quantitativa foi usada por décadas, particularmente, para resolver casos de disputa de autoria e ressaltar a maneira de escrever dos escritores.

Em geral, a estilística literária é motivada pelo interesse nos textos que são objeto de análise. A literatura, entretanto, representa um campo de pesquisa desafiante para as teorias e modelos lingüísticos. Níveis lingüístico-estilísticos são utilizados para análise de textos literários com o objetivo de fazer avançar mais a teoria lingüística, do que promover o entendimento literário. Isso significa que assuntos de literatura e lingüística são, de fato, combinados freqüentemente nos trabalhos dos estilistas.

Mesmo assim, Semino e Culpeper (*op. cit.*) acreditam ser possível distinguir a estilística literária da **estilística geral**, considerando desta, três fatores básicos:

- 1) Abranger textos de diversas áreas como propaganda, reportagens de jornal, textos políticos, burocráticos, religiosos, e conversação diária;
- 2) Ser dirigida à caracterização de diferentes estilos, tendo como suporte a lingüística geral da variação;
- 3) Dar mais atenção ao papel do contexto em um estilo particular.

Os autores argumentam que o instrumental para a estilística geral foi dado por Crystal & Davy e Enkvist. Embora diferentes no foco de análise – Crystal & Davy são mais preocupados com a exposição prática do que com a exposição teórica – os dois estão unidos por entenderem estilo como variedades de linguagem que se correlacionam com contextos particulares. O objetivo é a descrição formal de características lingüísticas de certos contextos sociais, ou melhor, a explicação do porquê da presença de certas características, ao invés de outras, e a classificação daquelas características de acordo com sua função contextual. Assim, quanto mais uma característica se limitar a um número de contextos sociais e, quanto mais freqüentemente ela ocorrer, em uma variedade particular, mais significativa será estilisticamente.

Enkvist vai mais longe ao abordar o que faz com que uma característica seja estilisticamente significativa. Em sua terminologia “*estilo-marcado*”, o autor focaliza a freqüência de uma característica lingüística particular, mas enfatiza que a significância estilística surge quando há uma diferença significativa entre a freqüência dessa característica em um texto e a correspondência lingüística em uma norma, contextualmente abordada.

No entanto, para Semino e Culpeper (*op.cit.*, p. 517) “...a percepção de estilo não surge da comparação com uma determinada norma, mas com aquela que possui relacionamento contextual com o texto”; Enkvist, segundo eles, sugere que estamos mais habilitados a comparar um soneto com outro soneto do que com um guia telefônico. Mas, para Semino e Culpeper, impressões diferentes de estilo resultam da escolha de uma norma diferente para comparação. Além disso, Enkvist imagina o relacionamento entre estilo e contexto como um processo de

duas vias: contextos podem influenciar a escolha do estilo, mas também a escolha do estilo pode influenciar o contexto. Seria o caso de o falante, ao selecionar um certo nível de formalidade, afetar o contexto de outros falantes.

Contudo, os pesquisadores do estilo não seguiram essa idéia inicial nos anos que se seguiram. Foi somente em 1980 que o modelo lingüístico contextual foi desenvolvido em análise do discurso, pragmática e lingüística crítica, cujas disciplinas abordaram, com mais capacidade, o uso dinâmico da linguagem em contexto e sob o enfoque de forças sociais às quais a linguagem é exposta.

Enkvist é considerado um exemplo, pois analisa texto e discurso com o objetivo de refinar sua visão de estilo como parte do processamento dinâmico do texto. Em produção de textos, os autores designam valores para uma variedade de diferentes e, algumas vezes, conflitantes padrões de estilo (iconicidade, métrica, valor final etc.) sob bases de sua avaliação dos objetivos e das limitações situacionais relativas ao texto e, também, para o mesmo tipo de texto. Em compreensão, os leitores combinam o texto com normas contextualmente relevantes.

Hickey funde pragmática e estilística para criar uma sub-disciplina denominada “pragmaestilística”, e a explica: “Pragmaestilística tentará mostrar sempre que os diferentes modos possíveis de dizer ‘a mesma coisa’ (estilo) dependem de fatores que compõem a situação (fatores pragmáticos)” (apud SEMINO E CULPEPER, *op.cit.*, p. 518).

Essa consideração tem sido o centro da estilística geral. Se for diferenciada na estilística, pode-se apontar para o fato de que ela, explicitamente, se liga a uma área particular de lingüística e, também, que ela exhibe uma propensão para a análise da fala, mais que para a das formas escritas de linguagem.

Os desenvolvimentos recentes tentam alcançar um entendimento maior sobre o relacionamento entre estilo e contexto. O contexto é tomado em amplo sentido, incluindo, por exemplo, o relacionamento entre o escritor e o leitor no discurso acadêmico, a perspectiva feminista sob relatos de violência contra a mulher etc.

As publicações recentes em estilística tendem a incluir análises de textos literários e não-literários, agrupados de acordo com outro critério diferente do *status* literário e não-literário.

Isso reflete a expansão do ceticismo literário, levando da crença de uma variedade de linguagem literária especial para uma visão de literatura como um

tipo de discurso histórico e culturalmente definido, e não mais como uma categoria para ser estudada, independentemente, de outros tipos de discurso. Os pesquisadores estão mais conscientes da necessidade de **atravessar os limites entre literatura e não-literatura** para lidar com fenômenos como a apresentação discursiva, narrativa, ponto de vista, e assim por diante.

Em seu trabalho, Pratt (1988, p. 22) já havia sintetizado a vantagem da nova perspectiva: “... há muito a ser ganho (...) com análises, descentralizada da questão de verdade x falsidade, ficção x não-ficção, gênero literário x gênero não-literário e que focalize, ao contrário, estratégias generalizadas de representação”. Tanto é que os anos 90 apresentam movimentos em direção a uma integração das preocupações literário-estilísticas, em uma ampla área de estudos do discurso e da comunicação.

3 ESTILO E ESTILÍSTICA NO SÉC. XX

Desse modo, a visão dominante de **estilo**, na lingüística do séc. XX, pode ser descrita, segundo Birch (1998, p. 995) como “[...] a soma das características lingüísticas as quais distinguem um texto de outro”. É o que identifica a **estilística** como disciplina preocupada com a teoria e análise do estilo são motivações teóricas e metodológicas diferentes, que determinam quais características lingüísticas em um determinado texto são adequadas para análise e quais não são. É uma estilística preocupada com a variação no uso da linguagem, ou seja, com a escolha analítica de seus termos.

Sobre as maneiras como a estilística é desenvolvida em se tratando de ação, Birch concluiu existirem três atitudes dos analistas:

- 1) Aqueles que desenvolvem modos de entender mais profundamente o significado de textos literários e preocupações do escritor, personalidade e intenções bem como o desenvolvimento de consciência das circunstâncias e dos contextos de produção. Isso leva a comparar o estilo entre diferentes escritores, períodos, gêneros e leva, também, a uma forma de crítica prática para ajudar a ‘explicar’ a resposta intuitiva do leitor para o texto;

- 2) Pesquisadores preocupados com a produção de análises designadas a classificar textos, gêneros e períodos literários, mais pela atribuição de autoria e proveniência, através da lingüística literária e dos meios retóricos, envolvendo análises estatísticas e computacionais;
- 3) Analistas que utilizam a variação lingüística como exemplificação para o desenvolvimento de um entendimento mais teórico da linguagem como sistema virtual, em vez de comunicação atual, em tempo real.

Na opinião de Birch, muitas das atividades intelectuais dos séculos XIX e XX têm se preocupado com a necessidade de serem explícitas, no sentido de bem definidas e claras, de acordo com o discurso formal de algumas práticas científicas. No entanto, quando aplicadas ao estudo da linguagem, têm resultado em uma tensão teórica, em que se discute se as estruturas lingüísticas são motivadas, internamente, pelos princípios da gramática ou se elas são motivadas externamente pelas forças socioculturais.

A tensão entre as orientações internalizada (psicológica) e externalizada (sociológica), bem como as reações contra aspectos mecanicistas das lingüísticas formalista e funcionalista foram moldando o caráter da estilística, no final do século XX.

É interessante recordar que o estudo da linguagem em perspectiva formalista ou funcionalista acontece, de certo modo, sem os perfis e as práticas da estilística. Porém, foram as reações contra aspectos mecanicistas das lingüísticas estruturalista, formalista e estilística estruturalista que fizeram aparecer a teoria e a análise impressionista de textos.

Segundo Hasan (apud BIRCH, *op.cit.*, p. 956), nem mesmo os lingüistas que acreditavam na mais rigorosa técnica mecânica de análise estruturalista e funcionalista conseguiram revelar pistas do significado literário não atingidas pelos métodos não-lingüísticos, ou foram capazes de dar uma resposta para a preocupação formalista com o que está, cognitivamente, envolvido em sistemas de linguagem ou, ainda, para a preocupação funcionalista com a atual formação do discurso.

Isso justifica o motivo de as respostas terem sido procuradas dentro da análise específica estilística **do porquê** e **como** um leitor reage de modo

particular a um determinado texto. Halliday, citado anteriormente, desenvolveu uma teoria lingüística e uma prática analítica sugeridas como forças significativas de entendimento de **como** os textos significam, principalmente a nível de sentenças. A forma lingüística poderia ser mapeada no conteúdo situacional, pois as escolhas feitas por um escritor ‘representam uma visão de mundo’, uma estruturação da experiência que é significante, pois não há uma razão *a priori* para que a experiência se estruturasse dessa e não de outra maneira.

Estabelece-se, assim, uma reação contra as preocupações governadas por regras da **lingüística estruturalista**, e como uma forma de abranger a teoria literária **pós-estruturalista**. A estilística deu maior abertura para uma crítica lingüística social e semiótica do texto, motivada politicamente. O texto passa a ser considerado como um local para a produção de significados de um modo dinâmico e interativo, envolvendo o leitor em determinações institucionais, sociais e culturais, o que indica uma maior movimentação de métodos de estudo no final do séc. XX, afastada de uma análise fechada do **quê** individual. Os textos canonizados passam a significar pelo modo de seus padrões de escolha lingüística, culturais e epistemológicas, as quais determinam como os textos significam, indefinidamente, parte de uma maior, menos estável e mais incerta semiótica social.

Entretanto, é possível encontrar análises praticadas nos anos 90 sob as perspectivas estruturalista, formalista e impressionista, juntas da análise estatística e computacional do estilo, com graus de variação conforme o interesse disciplinar.

Esse movimento tem refletido uma crescente preocupação com as categorias de discurso e formações discursivas como um meio de distanciar-se das críticas limitadas da lingüística estruturalista que tratam de estilística. Entender significado na **estilística pós-estruturalista** é, portanto, entender as realidades sociais mais que verdades determinadas, as quais se acredita que “pré-existem” à linguagem.

Na visão de Burton, significa que “Seja qual for a direção intelectual de escolha lingüística, as questões recorrentes e os problemas finais a serem encarados são feitos, especificamente, com assuntos culturais humanos, pensamento, ação consciente, interpretação, significado, interação, processos e influências históricas e culturais” (apud BIRCH, *op.cit.*, p 959).

Concordar com Burton significa não ser mero observador, desinteressado da estilística e, principalmente, de **eventos estilísticos** que muito podem contribuir para o entendimento de questões relacionadas à linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins fontes, 1992. [original russo de 1979].
- BALLY, C. **El language y la vida**. Buenos Aires: Lousada, 1941.
- BIRCH, D. Stylistics. In: MEY, J.L. **Concise encyclopedia of pragmatics**. Amsterdam: Elsevier, 1998. p. 955-960.
- BRANDT, P. A . Rhetoric, Classical. In: MEY, J. L. **Concise encyclopedia of pragmatics**. Amsterdam: Elsevier, 1998. p. 787-789.
- GRANGER, G. G. **Filosofia e estilo**. São Paulo: Universidade de são Paulo, 1974.
- GUIRAUD. **A estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- LAPA, R. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LYONS, J. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Koogan, 1977.
- MATTOSO CÂMARA, J. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- MELO, G. C. **Ensaio de estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PRATT, M. L. Towards a speech act theory of literary discourse. In W. VAN PEER (ed.). **Conventions of representation**. Indiana: Indiana University Press, 1988. p. 15-34.

SANT'ANA MARTINS, N. **Introdução à estilística**: a expressividade da língua portuguesa. São Paulo: T. A . Queiroz, 1989.

SEMINO, E.; CULPEPER, J. Stylistics. In: VERSCHUEREN, J. **Handbooks of pragmatics manual**. Amsterdam: John Benjamim B.V. Publishing, 1995. p. 513-520.

Recebido em 30/08/02. Aprovado em 08/05/03.

TITLE: Stylistics and style: a panoramic view of their evolution

AUTHOR: Aline Emílio

ABSTRACT:

The aim of the present work is to build a panoramic view of the evolution of Rhetoric and Stylistics. We will start with Aristotle, moving through the changing ideas of the eighteenth century, up to the twentieth century. Next, we will focus on the characteristics that enable the differentiation between Literary and General Stylistics. And, finally, we will show Style and Stylistics in the twentieth century. Through this account we hope to contribute to a better understanding of language from a stylistic perspective.

KEYWORDS: Stylistics, literary stylistics, general stylistics, style.

TITRE: Panorama évolutif: stylistique et style

AUTEUR: Aline Emílio

RÉSUMÉ:

L'objectif de ce travail est celui d'offrir une vue panoramique et évolutive de la Rhétorique et de la Stylistique. On fera le parcours depuis Aristote, envisageant les changements d'idées du XVIIIe. siècle, jusqu' au XXe. siècle. Ensuite on identifiera les caractéristiques permettant de distinguer la Stylistique Littéraire et la Stylistique Générale. Et finalement on montrera les contours du

Style et de la Stylistique au Xxe. siècle. Avec cet exposé on s'attend à contribuer à une compréhension plus précise de l'activité de langage du point de vue de la Stylistique.

MOTS-CLÉS: Stylistique, stylistique littéraire, stylistique générale, style.

TÍTULO: Panorama evolutivo: estilística y estilo

AUTOR: Aline Emílio

RESUMEN:

El objetivo de esta investigación es ofrecer una visión panorámica y evolutiva sobre Retórica y Estilística. Haremos el trayecto pasando por Aristóteles, por los cambios de ideas del siglo XVIII hasta llegar al siglo XX. En seguida la atención es dirigida a las características que permiten diferenciar Estilística Literaria y General. Finalmente, mostraremos el Estilo y la Estilística en el siglo XX. Con esa exposición, esperamos poder contribuir para una mejor comprensión de la actividad de lenguaje en una perspectiva estilística.

PALABRAS-CLAVE: Estilística, estilística literaria y general, estilo.